

# NOTAS SOBRE O CORPO E O ENSINO DE DANÇA<sup>1</sup>

Isabel Marques<sup>2</sup>

**Resumo:** Nos processos de ensino de dança constantemente ignoramos as possibilidades lúdicas, relacionais e críticas dos corpos que dançam e acabamos, como professores, forjando corpos que não estabelecem relações com o mundo. Face da mesma moeda, poderíamos, como professores de dança, educar corpos que brincam, se relacionam e criticam, educando, assim, corpos cidadãos capazes de escolher, de participar e de ser/estar no mundo.

**Palavras-chave:** Corpo. Dança. Ensino. Cidadania.

## NOTES ON THE BODY AND DANCE TEACHING

**Abstract:** In the dance teaching processes, we constantly ignore the playful, relational and critical possibilities of the bodies that dance, and, as teachers, we forge bodies that do not establish relations with the world. Side of the same coin, as dance teachers we could educate bodies that play, relate to and criticize, educating, this way, citizen bodies that are able to choose, participate and be in the world.

**Keywords:** Body. Dance. Education. Citizenship.

“A criança humana não vive dentro do corpo  
como uma lesma em sua concha.  
O ser humano vive *no* mundo *com* seu corpo”  
(LANGVELD apud SHAPIRO, 1994)

Há mais de quinze anos esta epígrafe me chama a atenção. A comparação de Langveld entre o caramujo e o ser humano sintetiza, em meu entender, de forma simples e direta, estudos e práticas sobre o corpo em sociedade. Primeiro, pelo fato do autor se servir do óbvio: não somos e, principalmente, qualquer ser humano saudável, não deseja ser um caramujo. Ademais, Langveld traz novamente a proposição de que nossos corpos

---

<sup>1</sup> Palestra proferida na aula inaugural do *Curso de Educação Física e do 2º. Curso de Especialização em Dança, Corpo e Arte* da Univates, Lajeado, RS, em agosto de 2010. Agradeço a Fábio Brazil pela leitura crítica do texto.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela USP, Mestrado em Dança pelo Laban Centre, Londres e doutora em Educação pela USP. Diretora do Caleidos Cia. de Dança e do Instituto Caleidos, em São Paulo/SP. Autora dos livros “Ensino de dança hoje”, “Dançando na escola” e “Linguagem da dança: arte e ensino”. Contato: caleidos@caleidos.com.br, www.caleidos.com.br.

não são conchas, cascos ou invólucros nos quais nos escondemos e por meio dos quais nos isolamos do mundo. Assim como muitos autores contemporâneos (Foucault, 1991; Johnson, 1983; Bordo, 1993 etc.), Langveld coloca em pauta novamente o conceito de corpo social, de corpo partilhado, de corpo não dissociado do mundo em que vivemos – de corpos que vivem em sociedade atravessados e necessariamente inter-relacionados a suas dinâmicas cotidianas.

Tomando essa ideia como metáfora para o âmbito do ensino de dança, cabe-nos, como artistas e professores, perguntar: com que concepção de corpo trabalhamos em nossas salas de aula? Buscamos ensinar e educar “corpos conchas” ou “corpos sociais”? Quais os desdobramentos dessas escolhas?

Não raro nem intencional, mas é possível perceber que nossa atuação docente na área de dança tem historicamente forjado novas conchas para que nossos alunos se escondam, se isolem, se esqueçam de suas realidades; realidades essas que paradoxalmente vivem em seus corpos e estão necessariamente presentes nas aulas de dança. Frequentemente nos esquecemos de que os mesmos corpos que colocam as mãos na barra, que rolam no chão, que batem os pés e que rodopiam também têm fome, choram, namoram, viajam, brincam, sorriem – com frequência não assumimos que os corpos de nossos alunos são corpos sociais e não conchas a serem moldadas, colecionadas e admiradas.

A tradição do ensino de dança tem se aprimorado ao longo dos séculos na construção de conchas para seres humanos: primeiramente, as conchas das danças codificadas – que vão do balé clássico ao hip hop, das danças da mídia ao flamenco, passando pelas manifestações de danças brasileiras, pelo jazz e pela dança contemporânea. Dependendo de como forem ensinadas, técnicas, passos e coreografias acabam por se tornar conchas prontas e fechadas que os alunos devem vestir e se acomodar dentro delas. Na grande maioria das aulas de dança, as técnicas codificadas, os passos pré-determinados e as coreografias prontas nos impedem de dialogar com os corpos presentes de nossos alunos, com seus corpos sociais.

Aos professores de dança cabe uma escolha: educar “pessoas lesmas, corpos conchas” que eventualmente sabem dançar ou educar cidadãos que se apropriam da dança para fazer alguma diferença no corpo/mundo em que vivemos?

Corpos que dançam são potenciais fontes vivas de criação e de construção, de reconfiguração e de transformação dos cotidianos. Os corpos dos alunos que dançam e se presentificam em nossas salas de aula são pensamentos, percepções, sensações, atitudes, ideias, comportamentos e posicionamentos em constante diálogo com a arte e com o mundo. Podemos ignorar esse potencial e anestesiá-lo visando a que se amolde na concha que propomos. Ou podemos nos posicionar, também, como professores, em relação ao que/como fazer com essas potencialidades.

O pensador norte-americano Don Johnson (1983) afirma que nossos corpos são projetos de comunidade. As diversas “comunidades” a que pertencemos estão sempre ensinando caminhos para que nossos corpos – nós mesmos – aprendam a existir e a conviver em sociedade. Valores, crenças e atitudes de grupos familiares, de amigos, escolas, igrejas, grupos de dança (etc.) forjam, influenciam e contaminam – conscientemente ou não – formas de existir e de se relacionar com o mundo. Forjam, influenciam e contaminam nossos corpos.

Família, amigos, escolas, igrejas, grupos de dança (etc.) são comunidades que constroem em nossos corpos modelos de gênero, idade, etnia, religião, orientação sexual, classe social, entre outros. As múltiplas comunidades entrelaçadas que corporeificamos não somente projetam modelos (vislumbram construções futuras), mas, sobretudo, imprimem em nossos corpos formas de comportamento, atitudes, pensamentos, sensações e afetos – imprimem modos de ser e de estar em sociedade.

Nessa linha de raciocínio, são os “projetos comunitários” que imprimem e constroem, também, formas de dançar, formas dos corpos existirem nos tempos e espaços das dinâmicas sociais ao dançarmos. Face da mesma moeda, podemos pensar as aulas e espaços de dança como lugares em que esses projetos sejam reconcebidos, reformatados, reconfigurados. Assim, em vez de “criarmos caramujos”, poderíamos estar contribuindo para educar cidadãos. A dança deixaria de ser uma concha/modelo e poderia se tornar um convite à crítica e transformação de corpos/pessoas.

Seria interessante pensarmos que em nossas aulas de dança podemos conhecer quais projetos de comunidade atravessam nossos corpos e de nossos alunos, reconhecendo influências, problematizando situações, criticando escolhas, transformando projetos. Ou seja, as aulas de dança podem criar situações concretas para que corpos – projetos de comunidades – não se transformem em conchas e sim em situações potenciais de transformação social (MARQUES, 2010).

Um passo vital para que isso aconteça é, obviamente, reconhecermos, aceitarmos e, sobretudo, respeitarmos e valorizarmos o infinito universo de configurações corporais que cruzam e atravessam nossas salas de aula em seus biótipos, etnias, gêneros, orientações sexuais, idades, classes sociais etc. A aceitação, a valorização e o respeito às diferenças são sem dúvida requisitos sem os quais qualquer tipo de ação pedagógica e/ou artística possa se viabilizar de forma íntegra e ética. No entanto, somente a aceitação, a valorização e o respeito às diferenças são insuficientes se desejamos sair dos “corpos conchas” e reconfigurarmos as dinâmicas sociais existentes.

Para além da aceitação, da valorização e do respeito, seria extremamente interessante que, como professores e artistas da dança, incorporássemos também em nossos projetos educacionais a noção de um trabalho diretamente voltado para a convivência corporal

dialógica, para a ludicidade do corpo, para a crítica corporal cidadã. Seria importante pensarmos como as aulas de dança, a produção artística e o sistema da dança/arte poderiam contribuir na educação de corpos *lúdicos, relacionais, críticos e cidadãos*.

Começemos pelos corpos *lúdicos*. A ludicidade da arte a que me refiro aqui certamente não está ligada ao senso comum que acredita ser o lúdico uma “brincadeira simplória de criança”. A situação educacional lúdica está relacionada à criação e à transformação, brincar é criar vínculos, “a brincadeira abre a possibilidade de criar outro mundo e outro jeito de ser e de viver” (FORTUNA, 2006, p. 3). Brincar possibilita estabelecer relações: e as relações são sempre transformadoras (FREIRE, 1982). Assim, se em nossas salas de aula de dança, eminentemente *dançando*, propiciarmos situações em que corpos possam brincar – criar vínculos – estaremos também contribuindo para a educação de corpos sociais cidadãos brincantes que saibam estabelecer vínculos com os outros e com o mundo em que vivem.

Corpos que, dançando, criam vínculos, tornam-se corpos *relacionais*, corpos (portanto pessoas) que sabem, querem e prezam a comunicação, o olhar, a consideração e o diálogo com o *outro*. A possibilidade de formarmos redes de relações em nossas salas de aula é sem dúvida uma forma de fazer com que corpos não habitem conchas. As redes de relações que podemos propor entre os conteúdos específicos da dança, entre as teorias e práticas, entre pessoas e sociedade também propõem aos corpos dançantes outras possibilidades de diálogo com o mundo.

“Uma das múltiplas redes de relações que se formam em sociedade está na própria dança, por ser linguagem artística: a dança não é ‘reflexo’ ou ‘espelho’ da sociedade, ela é linguagem, uma forma de ação sobre o mundo” (MARQUES, 2010, p. 138) e por isso, dependendo de como for ensinada, a dança pode abrir espaços para que corpos se relacionem consigo mesmos, entre si e com o mundo.

Para que não vivamos em conchas e tenhamos a possibilidade de brincarmos e de nos relacionarmos é interessante pensarmos que corpos lúdicos e relacionais devem também aprender a ser corpos *críticos*. Ser crítico não é ser “cri-cri”, chato ou problemático. “Crítico é uma possibilidade de se distanciar, de não estar cegamente envolvido em situações e vivências cotidianas personalistas” (MARQUES, 2010, p. 218). A postura crítica, ao contrário do que se imagina, não é uma concha teórica, isolada e impermeável impedindo envolvimento e desenvolvimento das relações. A postura crítica constrói-se justamente pelo envolvimento e pelo desenvolvimento consciente do universo das relações. Paulo Freire (1982) já colocava que a crítica é uma atitude, um posicionamento, um tipo de consciência oposto à consciência ingênua.

Ser crítico em nossos corpos, em relação às danças que existem e aos vínculos que estabelecemos entre corpo, dança e sociedade, portanto, é não nos deixarmos levar

por compreensões superficiais, fanáticas, universalizantes ou até mesmo teimosas e polêmicas sobre/no universo da dança. Nessa linha de raciocínio, corpos críticos teriam a capacidade de analisar, de ver de outros pontos de vista, de perceber, de se inquietar com propostas que visam a construir conchas para si mesmos.

A criticidade corporal, aliada à ludicidade e à formação de redes de relações em sala de aula são o que, entendo, possibilitam a educação de corpos *cidadãos*. A cidadania não consiste somente em opinar, em ter voz e em discutir direitos individuais. Sobretudo, a cidadania consiste em saber compartilhar ideias, saber ouvir, negociar e realizar ações democraticamente em prol do bem comum.

Corpos cidadãos, nesse sentido, não são apenas aqueles a quem outros outorgam o direito de dançar. O corpo cidadão é um corpo que escolhe dançar, que pode escolher o que dançar, como dançar. O corpo que pode escolher, assumindo e refletindo criticamente, sempre, sobre suas escolhas, pode escolher também como dialogar com o mundo em que vive. Face da mesma moeda, corpos cidadãos deveriam se comprometer com a construção desse mundo, dançando.

Ao propormos a educação de corpos lúdicos em nossas salas de aula de dança, propomos também a possibilidade de que esses corpos sejam capazes de criar e de recriar suas danças e, assim, a sociedade. Ao sugerirmos a educação de corpos relacionais, acreditamos na possibilidade de olhar, de perceber e de articular danças *entre* pessoas. Ao sermos capazes de criticar em nossos corpos, ou seja, dançando, seremos também capazes de construir e desconstruir o mundo em que vivemos.

Enfim, ao apostarmos na educação de corpos cidadãos em salas de aula de dança estaremos também apostando na capacidade dialógica dos corpos que dançam e, assim, na capacidade humana de “sair da concha” e de estar *no mundo com* seus corpos.

## REFERÊNCIAS

BORDO, Susan. **Unbearable weight**. Berkeley: University of California Press, 1993.

FORTUNA, Tânia Ramos. **O museu em jogo**. Educared Argentina, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 1991.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

JOHNSON, Don. **Body**. Boston: Beacon Press, 1983.

MARQUES, Isabel. **Linguagem da dança:** arte e ensino. São Paulo: Digitexto, 2010.

SHAPIRO [TAYLOR], Sherry. Dança em uma época de crise social: em direção a uma visão transformadora de dança-educação. *Revista Comunicações e Artes* v. 17, n. 28, p. 65-74, 1994.